

## ENSAIOS

### AS INCUBADORAS DE EMPRESAS E A VELOCIDADE DOS NOVOS NEGÓCIOS: A NECESSÁRIA QUEBRA DE PARADIGMAS ESTABELECIDOS

#### RESUMO

O processo de incubação, no Brasil, como em diversos países, tem pontificado a geração de empreendimentos inovadores com altos índices de agregação tecnológica, desde o surgimento das primeiras incubadoras, na década de 1980. No entanto, a replicação dos sistemas de incubação, se por um lado tem propugnado tal avanço, por outro manteve paradigmas que hoje merecem reflexão e reformulação, à luz da interatividade das atuais dinâmicas de mercado e dos novos modelos de negócios. Em contrapartida, um fenômeno recente, as aceleradoras de negócios, têm preenchido as lacunas deixadas no processo de incubação em relação à velocidade na gestão e geração de novos empreendimentos. As reflexões e sugestões apresentadas neste ensaio, frutos de conversas mantidas durante eventos ligados às duas modalidades de indução à geração de empreendimentos inovadores, comprovam que as funcionalidades relativas à aceleração de negócios podem ser implementadas em incubadoras. Sugerem, por isso, a reformulação das práticas e regimentos relacionados ao processo de incubação. A expectativa é de que as modificações sirvam para elevar a velocidade de atendimento de projetos inovadores, contribuindo de forma ainda mais abrangente para o fomento ao desenvolvimento econômico do País.

**Palavras-chave:** Incubadoras. Aceleradoras. Paradigmas.

#### 1 INTRODUÇÃO

O papel das pequenas e médias empresas de base tecnológica no desenvolvimento econômico de economias tem historicamente nas incubadoras de empresas uma de suas mais potentes ferramentas. São inúmeros os exemplos de inovações radicais e disruptivas originárias de projetos desenvolvidos em ambientes conectados às estruturas de pesquisa e desenvolvimento propiciadas pelas incubadoras de empresas, em sua maioria ligadas a instituições de ensino e pesquisa.

Os regimentos dos processos de incubação variam de acordo com regiões e instituições, mas algumas características têm se

**Laércio de Matos Ferreira**  
**laerciomatosf@gmail.com**  
*Doutor em Economia da*  
*Indústria e da Tecnologia pela*  
*Universidade Federal do Rio*  
*de Janeiro. Instituto Federal de*  
*Educação, Ciência e Tecnologia*  
*- IFCE - Fortaleza - CE - BR*

mantido comuns desde o início do processo, e no cenário atual, em que as trajetórias tecnológicas são reduzidas, têm suscitado críticas à adequação destes instrumentos aos novos modelos de negócios. Entre os críticos e apólogos da renovação dos processos de incubação, Relan (2012), fundador da incubadora YouWeb no Vale do Silício, defende a redefinição da incubadora padrão como uma indústria, cujo foco é a geração de empreendimentos lucrativos. Em comparação com as taxas de sobrevivência das novas *startups*, o autor estima a falência de 90% das incubadoras e aceleradoras de negócios.

As chamadas “aceleradoras de negócios” surgem com a premissa de serem instrumentos mais adequados à velocidade dos novos empreendimentos, mais intensivos em tecnologia do que as incubadoras tradicionais, principalmente aqueles que se utilizam da Informática e das tecnologias da comunicação, cada vez mais presentes nas dinâmicas empresariais.

As razões da existência das aceleradoras sustentam-se principalmente, além da redução do tempo de maturação dos novos negócios, na desburocratização de seus modelos de gestão, por serem, em sua maioria, exercidas por empresas privadas e, portanto, com maior foco nos mercados do que as incubadoras de empresas, consideradas “tradicionais” pelos defensores das aceleradoras (BOSCO, 2014).

No entanto, essas diferenças podem facilmente ser supridas com reformulações de relativamente baixa complexidade nas metodologias de incubação, propiciando que as incubadoras possam facilmente agregar características de aceleradoras de empresas, sem perder seu potencial de apoiar projetos que demandem um maior tempo de maturação e uma infraestrutura de apoio mais densa. No entanto, a cultura de inovação no Brasil tem procedimentos consolidados pela prática, que se converteram em paradigmas estabelecidos, embora questionáveis, em termos de sua eficiência.

Este texto busca, com base em interações não estruturadas realizadas com empresários abrigados em incubadoras e aceleradoras de empresas, debater paradigmas consolidados na

cultura dos processos de incubação que dificultam sua eficiência frente às aceleradoras, para propor adaptações que permitam às incubadoras implementar as atividades das aceleradoras de empresas, para que possam seguir apoiando empresas de base tecnológica de qualquer porte, com qualquer expectativa de mercado, e com qualquer tempo de maturação.

As competências advindas da proximidade e consequente interação com as instituições de ensino e pesquisa são diferenciais históricos das incubadoras. Uma empresa inovadora, por mais rápido que seja seu processo de desenvolvimento e inserção de novos produtos, não se estabelece com apenas um produto ou serviço inovador, mas com uma eficiente estrutura de pesquisa e desenvolvimento que suporte sua trajetória empresarial. Além disso, a principal característica da inovação é modificar, em maior ou menor grau, uma determinada dinâmica econômica; por isso, a utilização de mecanismos de gestão do conhecimento e de simulação das novas dinâmicas e das respostas dos mercados à inserção de inovações é fundamental.

Os mecanismos de desenvolvimento empresarial e de inteligência competitiva presentes em incubadoras mais bem estruturadas são fundamentais, pois as correntes econômicas que se debruçam sobre a inovação tecnológica como motor do desenvolvimento econômico (SCHUMPETER, 1982; FREEMAN, 1995; LUNDEVALL, 2000), e em consequência, as empresas de base tecnológica como os principais veículos da mudança, evidenciam não apenas a inserção, mas também a sustentabilidade nos mercados como fator de evolução tecnológica e econômica.

Espera-se que as digressões presentes neste breve ensaio alertem para a previsão de que incubadoras de empresas e aceleradoras de negócios continuarão a desenvolver importantes papéis no desenvolvimento econômico, com as mutações adequadas para responder ao crescente dinamismo da atividade empresarial. O aparecimento e o fortalecimento de incubadoras de empresas, de aceleradoras, de parques tecnológicos, e de programas de apoio à inovação indicam

que há uma confiança crescente nestas modalidades de incentivo ao desenvolvimento econômico e tecnológico no País.

## 2 AS INCUBADORAS DE EMPRESAS E OS CENÁRIOS COMPETITIVOS

As alianças entre empresas e entre estas e as entidades de pesquisa devem estar no centro dos esforços para a concepção de ações para a sobrevivência e inserção das pequenas e médias empresas no paradigma globalizado, como atestado por Lofsten (2015), em trabalho de investigação realizado entre empresas incubadas na Suécia. Em países de recuperação tardia, a necessidade de interconectividade de empresas, instituições de pesquisa, governos, e todos os atores envolvidos no processo inovador, evidencia-se ainda mais. No atual cenário competitivo, apenas o talento empreendedor não se faz suficiente para garantir a sustentabilidade de um empreendimento inovador em um ambiente que inviabilize a inserção do produto no mercado ou a complementação do processo produtivo por fornecedores de insumos ou de matéria-prima. As incubadoras de empresas, definidas no novo Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação (BRASIL, 2016) como estruturas que objetivam “estimular ou prestar apoio logístico, gerencial e tecnológico ao empreendedorismo inovador e intensivo em conhecimento”, têm exercido com comprovada eficiência a integração entre pesquisa, desenvolvimento e mercado, elevando as taxas de sobrevivência competitiva das empresas de base tecnológica.

O estreitamento das alianças entre a criação de novas empresas e o incremento de base tecnológica é um imperativo para a sustentabilidade das economias no mercado globalizado. Em outras palavras, as políticas públicas devem primar pela aplicação de instrumentos que favoreçam o desenvolvimento conjunto de inovações, hierarquizando o apoio a setores que garantam maior sustentabilidade e competitividade no mercado internacional. O Ministério da Ciência e Tecnologia (SILVA; ALMEIDA,

2001), ao relacionar a criação das incubadoras à necessidade de fortalecer o empreendedorismo para compensar a perda da capacidade de gerar empregos das grandes empresas públicas ou privadas, corrobora com a afirmação de que a formatação de arranjos interinstitucionais, em particular as redes e incubadoras de empresas, constituem-se na forma mais eficiente de geração de empresas em condições de sustentabilidade no mercado.

As incubadoras de empresas, por normalmente estarem alocadas a estruturas de pesquisa e desenvolvimento tecnológico, oferecem suporte a empreendimentos inovadores com alto grau de agregação tecnológica em seus processos, e por isso caracterizados por apresentarem alto risco proporcional a altas taxas de retorno em caso de sucesso, mas funcionam, em sua maioria, sem a complementação de suas ações por fundos de capital de risco ou de investidores públicos e privados.

A crescente dinamicidade dos mercados, impulsionada pelas tecnologias da informação e das comunicações, tem impactado na redução das trajetórias empresariais, mas ainda tem nas incubadoras de empresas de base tecnológica um potente instrumento para inserção sustentável dos empreendimentos que abrigam. O apoio das incubadoras no desenvolvimento de empresas de base tecnológica reflete-se, segundo o Sebrae (2013), na redução das taxas de mortalidade de 60% para 20%. Esse índice pode ainda ser mais reduzido com o incremento de novas ferramentas de apoio à gestão, apesar da latente diferença em relação a empresas que não passam por processos de incubação.

A compreensão das dinâmicas de mercado como complemento à ação das incubadoras é defendida por Ferreira (2008), ao ressaltar que o conhecimento dos setores econômicos que serão atingidos pela introdução de produtos ou processos inovadores, mesmo quando o estágio de pesquisa e desenvolvimento envolve elevado grau de incerteza, é fundamental para que as articulações com o Mercado possam ser previamente efetuadas, permitindo corrigir rotas ou mesmo interromper a qualquer instante o

desenvolvimento de produtos cuja inviabilidade venha a ser percebida ainda durante as fases iniciais de pesquisa e desenvolvimento.

A preocupação com o aumento da efetividade das incubadoras é sempre ressaltada nos encontros da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores - ANPROTEC, que teve a iniciativa de desenvolver, a partir do evento “Definição de Diretrizes e Propostas para o Reposicionamento e Crescimento do Movimento de Incubadoras, Parques e Polos no Brasil”, realizado em Brasília, em 2005, a plataforma de qualificação denominada Centro de Referência para Apoio a Novos Empreendimentos, ou CERNE. De acordo com a ANPROTEC, trata-se de “um modelo de referência que identifica os sistemas, elementos e práticas chaves que uma incubadora deve implantar para gerar, sistematicamente, um número cada vez maior de empreendimentos inovadores de sucesso. Nesse sentido, o modelo foi construído a partir de três níveis de abordagem: a empresa, o processo de incubação e a incubadora”, considerando os elementos necessários para o desenvolvimento do produto, do perfil da equipe, da gestão da empresa, e do acesso ao capital e aos mercados.

### **3 AS INCUBADORAS E ACELERADORAS NO CENTRO DO DEBATE**

As relações de concorrência ou de complementaridade entre incubadoras de empresas e aceleradoras pontuaram, em 2015, as discussões dos dois principais fóruns voltados à temática da inovação no Brasil, e em particular, aos efeitos sobre a Região Nordeste: o Encontro Nacional da ANPROTEC, realizado em Curitiba, e o Encontro Regional de Incubadoras de Empresas do Nordeste, em Fortaleza.

Este texto é derivado de constatações percebidas em conversas informais mantidas com representantes de empresas incubadas e de empresas inseridas em aceleradoras nos dois eventos. O trabalho fundamentou-se na hipótese de que as incubadoras de empresas podem-se adequar à dinamicidade atual, inserindo as

funcionalidades das aceleradoras de empresas. Na via inversa, no entanto, uma aceleradora carece do suporte tecnológico proporcionado pela incubação, o que concorre para elevadas taxas de insucesso, que são tratadas como naturais por alguns entrevistados.

O objetivo principal do ensaio é estabelecer um comparativo entre os processos, sem evidências estatísticas. As reflexões apontam, no entanto, para a necessidade de aprofundamento dos estudos neste sentido. As abordagens foram realizadas durante os eventos citados, em seções específicas sobre os temas incubação e aceleração de negócios, em que foram explorados aspectos relacionados ao tempo e suporte desde o desenvolvimento do produto/serviço até a inserção da empresa no mercado, aos processos de seleção de empreendimentos com potencial de mercado, aos modelos e planos de negócios desenvolvidos, às taxas de sucesso na inserção nos mercados, e à atração de investidores.

As análises seguintes são resultantes de conversas informais mantidas com os empreendedores, sem roteiro estruturado ou semiestruturado, apenas com a exposição de cada um dos temas para discussão. Os tópicos são abordados de acordo com a percepção do autor, em relação às conversas mantidas, sem qualquer menção individualizada às respostas dos entrevistados.

### **4 A NECESSÁRIA QUEBRA DOS PARADIGMAS DA INCUBAÇÃO**

O advento do processo de incubação de empresas no Brasil remonta à década de 1980, tendo no professor Lynaldo Cavalcanti, então presidente do CNPq, o principal responsável, com a criação de fundações tecnológicas em Campina Grande (PB), Manaus (AM), São Carlos (SP), Porto Alegre (RS) e Florianópolis (SC), dando origem, em 1984, à primeira incubadora de empresas no Brasil, em São Carlos.

As incubadoras de empresas foram criadas para oferecer suporte para empreendimentos inovadores, caracterizados por altas taxas de risco tecnológico e comercial, em contrapartida à expectativa de altas taxas de retorno que

costumam apresentar (FERREIRA; OLIVEIRA, 2003). A Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores – ANPROTEC, relata que em 2011 havia no Brasil 384 incubadoras em operação, abrigando 2.640 empresas, sendo 98% dos empreendimentos incubados considerados inovadores.

No âmbito mundial, são diversos os exemplos de empresas geradas em incubadoras que protagonizaram a transformação de cenários econômicos de países e regiões economicamente deprimidas, o que justifica um olhar mais aprofundado a esses instrumentos de fomento à inovação.

As incubadoras proliferaram, assim, com características e *modus operandi* sendo replicados, mas que atualmente, em face do dinamismo das novas estruturas de negócios, merecem reflexões e aperfeiçoamentos. A crescente redução do tempo de desenvolvimento tecnológico dos novos empreendimentos cada vez menos pode ser contemplada pelos processos de incubação, afastando projetos potencialmente inovadores das incubadoras. Isso ocorre principalmente em razão de práticas cristalizadas e ineficientes, que são exploradas neste texto.

#### 4.1 OS PERÍODOS DE INCUBAÇÃO

Embora não haja um intervalo de tempo estabelecido para a incubação e graduação de empresas, as incubadoras brasileiras costumam determinar períodos superiores a um ano para a permanência de empresas. No entanto, o atual dinamismo dos cenários econômicos tem reduzido as trajetórias empresariais, principalmente em pequenas empresas com alta agregação tecnológica e que podem ser escaladas rapidamente. Esta aparente carência dos processos de incubação normalmente justifica a busca dos empreendedores inovadores por aceleradoras de negócios.

No entanto, a incubação e a graduação em períodos menores do que os costumeiramente determinados pelas incubadoras é possível e de fácil implementação. A definição do tempo necessário para incubação pode ser

efetuada na etapa de avaliação do projeto para incubação, pelo conjunto de especialistas alocados no processo, e constar no contrato que normalmente é firmado após a aprovação dos projetos. A incubação de empresas passaria, assim, a ter flexibilidade em termos de períodos de incubação adequados a cada trajetória tecnológica e empresarial.

#### 4.2 OS PROCESSOS DE SELEÇÃO

As incubadoras ligadas a instituições públicas, em sua maioria, ainda selecionam empresas por meio de editais, por força de seus regimentos internos, mas é crescente o número de incubadoras que optam por processos de seleção por fluxo contínuo. A seleção em fluxo contínuo, que também pode ser vinculada à publicação de editais, reduz a burocracia no processo e vários custos relacionados à seleção de projetos. Além disso, o processo é adequado às dinâmicas dos mercados, que implicam redução nas trajetórias tecnológicas e empresariais.

Normalmente, os processos de seleção envolvem profissionais convidados que não detêm conhecimento técnico suficiente para uma avaliação precisa dos potenciais de êxito tecnológico de todos os processos submetidos. Em incubadoras atreladas a instituições de ensino e pesquisa, o processo contínuo de seleção será mais efetivo se envolver profissionais das próprias instituições, capacitados nas modalidades a serem incubadas.

#### 4.3 EMPRESAS RESIDENTES E NÃO RESIDENTES

Os processos de incubação têm historicamente levado em consideração a necessidade de permanência, ou não, das empresas no ambiente alicerçado pela infraestrutura tecnológica. Dessa maneira, empresas residentes passam todo o período de incubação ocupando espaços alocados pelas incubadoras, e empresas não residentes relacionam-se de maneira virtual com o apoio prestado pelas incubadoras. A dedicação de espaços nem sempre é de todo

necessária, principalmente em empresas que necessitam de suporte tecnológico informático. Os espaços destinados à incubação podem ser, portanto, em sua maioria, compartilhados por empresas, substituindo, nesses casos, as classificações de empresas *residentes* e empresas *não residentes* para empresas *transientes*, que necessitam do suporte tecnológico, mas que não precisam de espaços dedicados.

A denominação *empresa transiente* é criada, neste trabalho, para identificar empresas que necessitam apenas parcialmente dos espaços disponíveis pelas incubadoras. Na verdade, é crescente e majoritário o número de projetos submetidos para incubação que não necessitam de espaços dedicados, logo o compartilhamento de espaços em uma incubadora surge como elemento de um novo paradigma da incubação. A opção pela *transiência* na utilização dos espaços permitirá elevar o número de empreendimentos contemplados, aumentando, em consequência, a efetividade dos sistemas de incubação.

#### 4.4 A INSERÇÃO DAS EMPRESAS NOS CENÁRIOS COMPETITIVOS

A vinculação da maior parte das incubadoras de empresas a instituições de ensino e pesquisa tem forte responsabilidade no êxito tecnológico dos projetos, mas esta é a mesma razão de críticas que alegam um viés excessivamente acadêmico no processo de incubação. Apologistas das aceleradoras de negócios apontam uma maior capacitação para negócios por parte dessas instituições, que lhes proporcionariam vantagens sobre as incubadoras. Na verdade, são muitos os exemplos de empresas de sucesso empresarial surgidas em incubadoras ligadas a instituições de pesquisa; logo, o viés acadêmico exacerbado não é característica comum aos processos de incubação. Por outro lado, a implantação de mecanismos de inteligência competitiva em sistemas de incubação contribui para elevar os potenciais de êxito empresarial, bem como a realização de eventos de capacitação em atividades negociais.

Ressalte-se que a dinamicidade dos

mercados torna cada vez menos precisos instrumentos estáticos de previsão, como planejamentos estratégicos imutáveis a médio e longo prazo. Há necessidade de que as incubadoras desenvolvam ou adquiram programas de prospecção tecnológica e de gestão de informações, e que promovam a capacitação de profissionais para a coleta, interpretação e difusão dos conhecimentos preferidos, para que possam obter simulações mais precisas das mutações nas dinâmicas de mercado resultantes da inserção dos novos produtos ou serviços.

#### 4.5 ATRAÇÃO DE INVESTIDORES

Um dos fatores mais destacados nos processos de aceleração de negócios reside no aporte de recursos, quando investidores privados assumem os riscos inerentes ao desenvolvimento de produtos e serviços por empresas de base tecnológica. Incubadoras de empresas normalmente não detêm recursos para investir nas empresas incubadas, mas não significa que, por essa limitação, não possam incorporar a aceleração de negócios em suas atividades.

Considerem-se uma vez mais o fato de que empresas inovadoras que contam com suporte de incubadoras tenham reduções de até dois terços das taxas de mortalidade de empresas que não passam por projetos de incubação (ARANTES et al., 2013). De outro lado, tomem-se os altos índices de risco adotados como normais em processos de aceleração, em que uma entre dez empresas atinge um sucesso comercial em curto prazo (BOSCO, 2014). A implementação das mudanças que imprimirão velocidade no processo de incubação e inserção nas dinâmicas de mercado, aliada ao suporte tecnológico oferecido pelas incubadoras, atrairão os mecanismos de investimento de risco para as empresas abrigadas nas incubadoras, desde os empreendimentos nascentes até aqueles em fase de graduação.

## 5 CONCLUSÕES

A corrente econômica que coloca a inovação tecnológica no centro da mudança técnica e, conseqüentemente, como motor da transformação de cenários econômicos, tem nas incubadoras de empresas um dos mais potentes fomentadores de novos empreendimentos com alta agregação tecnológica.

No Brasil, os processos de incubação foram consolidados e organizados durante a década de 1980, após a criação dos primeiros parques tecnológicos e da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores. O apoio da Anprotec catapultou a geração de empreendimentos inovadores sustentáveis no País, protagonizando uma redução significativa das taxas de mortalidade das empresas de base tecnológica, e em consequência a replicação de iniciativas de incubação por todo o Brasil.

A multiplicação das atividades envolvidas nos processos de incubação fortaleceu-se de tal modo que os procedimentos foram se cristalizando, mesmo contemplando distintos tipos de incubadoras e de empresas por todo o Brasil. Por outro lado, o avanço das tecnologias da informação e das comunicações induziram novos cenários, em que a conectividade e a velocidade de inserção de novos produtos exigiram novas estruturas empresariais, intensivas em tecnologia e flexíveis o suficiente para reagirem às oscilações dos mercados.

Assim, a replicação dos métodos adotados nos processos de incubação, em face das trajetórias dos novos negócios, principalmente em relação às tecnologias da informação e das comunicações, passou a merecer maior reflexão. Atualmente, o principal motivo desta necessidade de quebra de paradigmas estabelecidos é o surgimento das aceleradoras de negócios como mecanismos supridores de deficiências nos processos de inovação.

Na realidade, como demonstrado neste breve estudo, a inserção das características de uma aceleradora de negócios não é complexa para uma incubadora de empresas; ao contrário,

ela é necessária e factível. O sistema de incubação no Brasil é muito bem organizado, tanto no escopo nacional, quanto no âmbito estadual, com as redes de incubadoras. Este sistema organizado facilita ainda mais a incorporação das funcionalidades de aceleração de negócios, porque a diversidade de temáticas tratadas em cada incubadora possibilita às estruturas de governança um maior leque de atendimento a projetos com potencial de mercado reconhecido.

Além disso, a organização das incubadoras e incubadas, com a reformulação dos processos de seleção, a redução dos períodos de incubação, o compartilhamento dos espaços para a incubação, e todo o arcabouço acadêmico conectado, possibilitam a construção de um *pipeline* atrativo de produtos e serviços inovadores, elevando a segurança de investidores de risco.

As reflexões constantes deste ensaio são resultantes de conversas informais travadas em foros virtuais e presenciais em que se discutem os processos de incubação e de aceleração de negócios, e estimam que a reformulação dos paradigmas discutidos possa elevar o potencial de incubação e graduação de empresas de qualquer porte e com qualquer tempo de trajetória no País, elevando ainda mais a reconhecida histórica importância das Incubadoras para o desenvolvimento econômico.

### **BUSINESS INCUBATORS AND THE SPEED OF NEW BUSINESSES: THE REQUIRED BREACH OF ESTABLISHED PARADIGMS**

#### **ABSTRACT**

The incubation process in Brazil, as in many other countries, has pointed out the generation of innovative projects with high rates of technological aggregation, since the emergence of the first incubators, in the 1980s; however, the replication of incubation systems, if has advocated such a move, has also kept paradigms that nowadays call for reflection and reformulation in the light of the interactivity of current market dynamics and new business models. In

contrast, a recent phenomenon, the business accelerator, has filled the gaps left in the incubation process for the speed in the management and generation of new projects. The reflections and suggestions presented in this paper result of talks held during events linked to two types of inducing the generation of innovative ventures, show that the features regarding the acceleration of business can be implemented in incubators. They suggest, for that purpose, a reformulation of practices and regulations related to the incubation process. It is expected that the changes will serve to increase the speed of answer of innovative projects, contributing more broadly to foster the economic development of the country.

**Keywords:** Incubators. Business accelerators. Paradigms.

## REFERÊNCIAS

- ARANTES, Andréa et al. Diagnóstico das IEBTs mineiras: análise propositiva, por meio da percepção das empresas graduadas. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PARQUES TECNOLÓGICOS E INCUBADORAS DE EMPRESAS, 23., 2013. Recife. **Anais....** Recife: Anprotec, 2013. p. 12-22.
- BOSCO, Tiago. Incubadoras ou aceleradoras? saiba qual a melhor opção para sua startup. **Revista Wide: inspiração para os seus negócios**, Rio de Janeiro, fev. 2014. Disponível em: <<http://www.revistawide.com.br/tecnologia/incubadoras-ou-aceleradoras>>. Acesso em: 18 nov. 2015.
- BRASIL. Lei nº 13.243, de 11 de janeiro de 2016. Dispõe sobre estímulos ao desenvolvimento científico, à pesquisa, à capacitação científica e tecnológica e à inovação. **Palácio do Planalto**, Brasília, 2016. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Lei/L13243.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13243.htm)>. Acesso em: 30 jan. 2016.
- FERREIRA, Laércio de Matos. **A Inovação Tecnológica e as dinâmicas locais: estudo comparativo de APLS de software no Nordeste do Brasil**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2008. (Série BNB Teses e Dissertações, n. 15).
- FERREIRA, Laércio Matos; OLIVEIRA, Francisco Correia de. Responding to the global challenge: the experience of technological incubators and industrial districts in Ceara, Northeast of Brazil. In: CONFERENCE IN HONOR OF PROFESSOR SEBASTIANO BRUSCO, s/n 2003, Modena. **Anais...Modena**: [s.n.], 2003.
- FREEMAN, Chris. The national system of innovation in historical perspective. **Cambridge Journal of Economics**, Londres, n. 19, p. 5-24, 1995.
- LOFSTEN, Hans. Critical resource dimensions for development of patents: an analysis of 131 new technology-based firms localised in incubators. **International Journal of Innovation Management**, United Kingdom, v. 19, n. 1, p. 1550006-1-1550006-32. World Scientific Publishing, 2015.
- LUNDEVALL, Bengt-Åke. **National systems of innovation: towards a theory of innovation and interactive learning**. London: Pinter, 2000.
- RELAN, Peter. **90% of incubators and accelerators will fail and that's just fine for America and the world**. 2012. Disponível em: <<http://techcrunch.com/2012/10/14/90-of-incubators-and-accelerators-will-fail-and-why-thats-just-fine-for-america-and-the-world/>>. Acesso em: 30 jan. 2016.
- SCHUMPETER, Joseph Alois. **A teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Sobrevivência das empresas no Brasil: coleção estudos e pesquisas**. Brasília, 2013

SILVA, Cylon Gonçalves da; ALMEIDA, Lúcia Carvalho Pinto (Coord.). **Ciência, tecnologia e inovação: desafio para a sociedade brasileira** - livro verde. Brasília: MCT/Academia Brasileira de Ciências, 2001.